



***Specimen civitatem*: algumas considerações sobre a cidade ideal no imaginário renascentista**

Gabriela Moia Vivan (PIBIC/CNPq/Uem), Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima (Orientador), e-mail: gabrielamvivan@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia/Maringá, PR.

Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave:

Renascimento, urbanismo, literatura

Resumo:

A cidade ideal, construção teórica renascentista, pode ser interpretada como o produto de uma intelectualidade contextual desenvolvida por intermédio de reflexões de engenheiros e de arquitetos sobre tecidos urbanos, iniciado em uma retomada da herança clássica da península em que se encontravam. E, conseqüentemente, tendo como resultante um novo conceito e novos modelos de tecidos urbanos, sejam eles construídos *ex novo* ou concretizados em intervenções cirúrgicas, como reformas urbanas, na Itália dos séculos XV e XVI. No entanto, tal interpretação não engloba todo o processo cultural desenvolvido no recorte temporal tratado, uma vez que se restringe apenas a uma esfera intelectual específica. Assim, neste horizonte, o presente texto demonstra que tal análise não deve somente pautar-se em tais premissas, mas que deve considerar tanto a anterioridade do pensamento e da escrita da cidade ideal em relação à sua concretização, quanto à condição de que tal construção teórica é resultante do entrelace das esferas intelectuais já discutidas com as esferas literárias e filosóficas, configurando-se, dessa forma, como uma manifestação coletiva.

Introdução

A cidade ideal é uma construção teórica que foi criada por intelectuais e artistas durante o período que usualmente se denomina de Renascimento. Sabe-se que esta construção teórica chegou a ser, de fato, praticada, nas cidades italianas de Ferrara e Pienza. Contudo, eram, nestes casos, reformas urbanas, e o novo tecido clássico subsistia com o antigo tecido medieval, mas sabemos que duas cidades italianas foram construídas na



sua totalidade *ex novo*, Sabbioneta e Palmanova. Poder-se-ia imaginar, então, que tal questão teria se espalhado pelos mais diversos ambientes culturais, a respeito desta questão, por exemplo, o filósofo francês René Descartes comentou:

Assim, as antigas cidades, tendo sido no começo apenas aldeias, e se transformando com o passar do tempo em grandes cidades, são comumente tão mal proporcionadas em comparação com as praças regulares que um engenheiro traça à sua vontade, numa planície, que, embora considerando seus edifícios separadamente, neles encontremos amiúde tanta ou mais arte do que naqueles das outras; entretanto, ao vermos como estão dispostos, um grande aqui, um pequeno ali, e como tornam as ruas curvas e desiguais, diríamos que é mais o acaso do que a vontade de alguns homens, usando da razão, que assim os dispôs (2001, p. 15-6).

Desta maneira, observa-se que o filósofo francês serve-se da arquitetura e do urbano como metáfora para explicar que a obra realizada por um único autor seria “mais bela e mais bem-ordenada” do que uma obra coletiva, isto é, que envolvesse vários autores. E esse é o próprio caráter da cidade ideal, uma obra urbana realizada por um único homem em um lapso temporal relativamente controlado. Palmanova, cidade já citada, e para nos restringirmos a um único exemplo, projeto de Marc'Antonio Martinengo di Villachiara, possuía um desenho urbano bastante peculiar, com uma planta central na qual as ruas, concêntricas, se estendem do centro para as extremidades, e o todo é protegido por muralhas em forma de estrela.

Contudo, neste momento, convém descrever, ainda que sumariamente, o caráter das cidades italianas nos séculos em que a cidade ideal foi refletida. Então, como seriam essas cidades? Esta pergunta é pertinente porque o que será proposto como um ideal urbano pode ser compreendido como uma alternativa¹ à realidade cotidiana das urbes italianas:

As cidades do século XIII e XIV (...) apresenta-se (sic) como um agregado denso de habitações e oficinas artesãs dispostas ao redor de áreas de interesse comum, onde a catedral e o palácio municipal estão situados e onde se realizam mercados e feiras. As ruas, em geral, são estreitas e tortuosas, em movimento concêntrico ou radial; os bairros, em

¹ Panofsky, citado em Brandão para corroborar a tese a seguir, por exemplo, comenta o Renascimento como um *continuum* relativo à Idade geralmente denominada Média, com a tese sobre o “Proto-Renascimento”, que “*verifica em todas as “renascenças” medievais como “princípio da disjunção” entre forma e conteúdo*”, permitindo assim ao Renascimento seu surgimento no momento de coincidência entre *verba* e *res* (proto-humanismo encontra proto-renascimento) (Brandão, 2002, p. 35).



sua maioria, se diferenciam pelas várias especialidades de produção, as "artes" (Argan, 1999, p. 56).

Pode-se perceber que a cidade descrita pelo historiador italiano é, de maneira geral, bastante diferente do que, normalmente, se imagina ser uma "cidade ideal". Certamente que havia uma grande variação entre as cidades ditas medievais, mesmo entre aquelas que pertenciam a ambientes culturais próximos, contudo, nenhuma delas poderia ser compreendida a partir do que escreveu, por exemplo, Descartes. No entanto, a cidade ideal não é uma construção teórica que surge em apenas um domínio do pensamento, como em ensaios de arquitetos e demais artistas, podendo ser encontrada em textos de caráter literário e, como vimos, na filosofia. Compreendemos que este fenômeno não é exclusivo à "cidade ideal", posto que muitas construções teóricas são criadas, quase simultaneamente, nos mais diversos meios culturais.

Materiais e métodos

Foi realizada leitura de textos (artigos de caráter científico, livros impressos e digitais e documentos), foi realizado um fichamento destes textos, o que foi importante na fatura de um texto apresentando os resultados da pesquisa. Foi efetuada uma divisão entre literatura primária, isto é, livros escritos durante a época de abrangência da pesquisa, a saber, o Renascimento, e literatura secundária, isto é, autores contemporâneos que trataram o tema.

Resultados e Discussão

Realizadas as considerações introdutórias acima, resta-nos demonstrar como o conceito de cidade ideal comparece no pensamento de certos autores. É isto que nos afirma Argan quando faz referência ao surgimento de uma "urbanística" na cultura humanista: "A cultura humanista propõe, pela primeira vez de forma consciente e orgânica, o problema da cidade, enquanto sede de uma sociedade organizada e expressão visível de sua função" (1999, p. 56). Assim, a cidade havia se tornado, como já havíamos visto com Descartes, um objeto de estudo para os mais diversos intelectuais, como no-lo afirma, novamente, Argan: "De fato, constituiu-se no âmbito da cultura humanista, pela primeira vez após o fim do mundo clássico, uma teoria ou uma ciência da cidade, uma urbanística" (1999, p. 56). É certo que com Descartes tratava-se de uma metáfora e não de um pensamento que incorporasse realmente a cidade, contudo, deve-se pensar que o uso desta figura de linguagem – ou *topos* – indica que o fenômeno urbano já fazia parte de um ambiente cultural mais amplo.



E Descartes não foi o único intelectual a servir-se, de alguma maneira, do fenômeno da cidade ideal. O pintor e arquiteto Rafael Sanzio, os humanistas Pico della Mirandola, Dante Alighieri, o filósofo francês Montaigne e o filósofo neerlandês Erasmo de Rotterdam, entre outros, trataram, igualmente, do tema.

Conclusões

Chegou-se à conclusão segundo a qual o tema da cidade ideal não era restrita ao pensamento e à ação de construtores, arquitetos e engenheiros, mas expandiu-se para o pensamento de filósofos, artistas e escritores, como Rafael Sanzio, René Descartes, Pico della Mirandola e Erasmo de Rotterdam, que, de alguma maneira, serviram-se deste tema.

Contudo, é mister ressaltar que nem sempre a cidade ideal comparecia no pensamento destes autores como uma preocupação arquitetônica ou urbanística, muitas vezes, este tema era utilizado como uma simples metáfora, como foi o caso já citado de Descartes. É importante salientar que a cidade ideal também era uma construção política, no sentido de uma “boa governança” ou “boa gestão”, realizada por um político criterioso e justo.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq e à Fundação Araucária pela bolsa de fomento, e à Universidade Estadual de Maringá.

Referências

ARGAN, G. C. **Clássico, Anticlássico**: o renascimento de Brunelleschi a Bruegel. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRANDÃO, A. C. L. **Quid Tum?**: o combate da arte em Leon Battista Alberti. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.